

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

Na Espanha do século XV, unificada no reinado dos Reis Católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela, implantaram-se as instituições que iriam torná-la uma grande potência absolutista da Europa.

A assinatura da bula *Exigit sinceræ devotiones affectus* pelo Papa Sisto IV, em 1º de novembro de 1478, inaugurou a criação de uma nova Inquisição, a Inquisição Espanhola, que rompia com a prática medieval ao formalizar a ligação entre a jurisdição eclesiástica e a jurisdição civil, delegando aos Reis Católicos o poder de nomear, revogar e substituir os inquisidores à sua revelia e sem delimitação geográfica dentro de seu território, tornando, assim, os tribunais eclesiásticos um poderoso instrumento político.

O Tribunal do Santo Ofício julgava todos os tipos de crimes. O acusado ignorava o nome do acusador. Homens, mulheres, crianças... Todos eram forçados a ser testemunhas de acusação sob pena de tornarem-se eles mesmos as vítimas da execução pública, os chamados “Autos-de-Fé”.

Chamado pelo cronista Sebastian de Olmedo (*Chronicon magistrorum generalium Ordinis Prædicatorum*), de “*azote de los herejes, luz de España, salvador de su país y honor de su Orden*”, Tomás de Torquemada, dominicano confessor dos Reis Católicos, dirigiu a Inquisição Espanhola por dezesseis anos.

Durante seu tempo, Torquemada moveu uma intensa campanha contra os judeus e muçulmanos, convencendo os Reis a expulsarem todos os que se recusavam a ser batizados, ordenando a morte na fogueira de pelo menos duas mil pessoas; encarcerando, torturando e banindo em nome de Deus, da fé católica e da honra de Jesus Cristo.

Nossa história tem início nesta Espanha dominada por medo e terror provocados pelo Tribunal do Santo Ofício. Precisamente na noite em que morre Tomás de Torquemada. 16 de setembro de 1498...

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

As portas do salão foram abertas e o lobo negro caminhou lentamente em direção ao trono de seu mestre. À medida que se aproximava, pela primeira vez vislumbrou atentamente aquele lugar que por tantas vezes entrou sem realmente reparar em sua beleza. O piso branco e liso cuja superfície polida refletia, como num espelho, a sua imagem; as quatro colunas que, infinitas, sustentavam o céu negro e sem estrelas sobre sua cabeça... e, à frente, no centro, seu mestre, que, sentado sobre uma rocha, indiferente ao seu aproximar, entretia-se olhando o queimar de uma árvore desfolhada ao fundo, o único ornamento daquele lugar...

Ele chega num silêncio que somente seu senhor pode escutar, e baixa a cabeça em reverência, esperando a vontade deste em recebê-lo.

– Meu Príncipe... – ele diz.

O anjo recolhe as asas e volta-se na direção de seu servo. O fogo da árvore é extinto...

– Sei por que estás aqui. – diz-lhe o anjo.

O lobo mantém-se calado. Não ousa falar. Continua com a cabeça baixa e apenas escuta o que seu mestre tem a dizer.

– O que sabes sobre o que acontecen, Guardião? – pergunta-lhe.

O lobo levanta a cabeça e encara seu mestre.

– Nada.

O anjo esboça um discreto sorriso.

– Tu sabes fazer bom uso das virtudes que te ensinei. Exceto da mentira...

O lobo suspira.

– Jamais mentiria para ti, meu Príncipe.

– Claro. – diz o anjo, ainda sorrindo, para no instante seguinte fitar-lhe os olhos profundamente. –

Encontre-o e mate-o. Em meu nome.

O lobo adianta-se mais um passo. – Apieda-te...

O anjo o encara enfurecido... – Tens a ousadia de me questionar a vontade, Seth?

– Faz-o... por mim...

– Cala-te, Seth... Ouve a quem estás pedindo piedade.

O lobo negro baixa a cabeça, desviando seus olhos dos olhos de seu mestre... – Como quiseres, meu senhor.

O anjo, então, dá as costas ao lobo negro, voltando a fitar, outra vez, a árvore desfolhada...

– Não voltes aqui sem Azael, Guardião, ou a piedade que pedes será por ti mesmo e não por ele.

O lobo suspira, derrotado, caminhando outra vez em direção aos portões do salão.

Às suas costas, Lúcifer sorri, e uma nova chama volta a arder a árvore morta.

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

1

Ávila, Real Monastério de Santo Tomás.

A tempestade castigava a noite. Os vidros da janela estremeciam, prontos a ceder aos fortes ventos e à rajada de chuva espessa. Os relâmpagos anunciavam os trovões cuja intensidade fazia-se sentir sob os pés, dando a impressão de que não havia alicerces abaixo da construção. Ao longe, escutava-se o bater de portas e persianas; um ir e vir contínuo, ininterrupto, assustador...

– O Céu está chorando... o Céu chora tua partida... – dizia o jovem sacerdote para si mesmo, enquanto olhava através da janela a violenta tempestade. – O céu chora, como todos choramos...

– Deves partir... Deves partir e comunicar a morte dele! – responde preocupado o companheiro ao lhe tocar os ombros. – Deves ir! Ainda esta noite!

Virando-se de frente para o amigo, o jovem toma as mãos deste entre as suas e lança um último olhar entristecido para o leito onde jazia, sem vida, seu mentor.

– Eu sei... – responde entre suspiros – eu sei...

E, deixando aquele quarto escuro e frio, o jovem sacerdote atravessa os longos corredores em direção aos portões da propriedade, onde um soldado já o aguardava com o Andaluz devidamente preparado para sua jornada até Segóvia.

2

Era difícil enxergar com toda aquela escuridão. Algumas vezes a estrada parecia confundir-se com o bosque a sua volta, e a tempestade tornava-se cada vez mais violenta. O jovem sacerdote cavalgava receoso, diminuindo o trote do animal à medida que avançava. Não havia qualquer fonte de luz que não os próprios relâmpagos, mas ele sabia que não poderia parar, não poderia simplesmente esperar até que o tempo se acalmasse. Torquemada estava morto, os reis deveriam ser informados o quanto antes. Sua missão estava acima das forças da natureza... sua missão era divina.

Cuidadoso para que não fosse decapitado por um galho não visto, o jovem cavalgava curvado, com seu tronco deitado sobre o pescoço do animal. Cerrava os olhos tentando enxergar além do que sua visão normal permitia, e concentrava-se para ter certeza de que o barulho que escutava era apenas o cair da pesada chuva. Outro relâmpago. E a súbita luz mostra-lhe que não caminhava sozinho naquela estrada. Pouco à sua frente, a cerca de setenta metros, alguém parece caminhar a pé...

Um estrondo estremece a terra. Outro trovão seguido do clarão de mais um relâmpago. O jovem aproveita-se da luz e ergue o pescoço para certificar-se de que não fora uma ilusão. Sim. Há realmente alguém caminhando. E não está só. Traz um outro em seus braços... O rapaz puxa as rédeas do animal, fazendo-o diminuir o trote até parar por completo, e sente o aproximar do estranho cada vez mais. Cerra os olhos novamente procurando saber de quem se tratava. O cavalo levanta a cabeça bruscamente, como que impaciente ou assustado, e relincha abafadamente, enquanto o jovem bate de leve em seu pescoço, tentando acalmá-lo. O estranho está cada vez mais perto...

– Quem está aí? – grita o jovem.

Não há resposta.

– Quem está aí? – ele insiste com força, enquanto desce do animal, tentando desesperadamente retirar da bainha a espada atada à sela do cavalo. Não sabia usá-la... sequer agüentava seu peso. Fora obrigado por seu superior a carregar aquele fardo em vista do caráter divino de sua missão. Nada lhe poderia obstruir o caminho. Nada.

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

Então, um baque surdo como uma queda. O jovem pára por um instante, receoso, indeciso... e, em seguida, avança... avança mais alguns passos, lentamente. A chuva continua espessa, pesada. O barulho das rajadas de água contra as folhas das árvores e cascalhos é cada vez mais intenso. Um raio corta o céu, seguido de um estrondo ensurdecedor. O jovem olha para o firmamento e ergue a pesada espada quando um outro relâmpago ilumina o rosto de alguém caído a seus pés. Ele suspira, abafando o grito, e larga a espada, levando ambas as mãos ao rosto, tentando impedir que sua boca expelisse tudo o que havia dentro de seu estômago.

– Santo Deus! – diz para si mesmo.

Era uma mulher. Seu rosto havia sido rasgado de tal forma que suas feições estavam irreconhecíveis. O osso frontal exposto. Não havia carne do lado esquerdo; o olho vazara e a pele fora arrancada, expondo a arcada dentária. O pescoço fora quebrado com tamanha força que era possível ver a extremidade onde ele partira. O jovem deixa-se cair de joelhos e estende a mão... Mesmo horrorizado, tentava tocá-la.

Outro relâmpago...

Seu braço estendido queria... precisava alcançá-la...

O ar... o ar pesava em seus pulmões... pesava ao seu redor...

Mas ele precisa... precisa...

– Tira...

O jovem fecha os olhos. Aquela voz... não era dele... e... sussurrava, ordenava... em seu pescoço... atrás de sua orelha...

– ...tuas mãos...

Roçando em seus cabelos...

– ...desta...

O rapaz suspira. Não ousa falar. Sequer conseguiria. Suas mãos tremiam. Alguém lhe apertara o ombro.

– ...mulher!

Relâmpago.

O jovem engole em seco e vira-se.

Estrondo.

E a claridade lhe revela um rosto.

O jovem fecha os olhos.

“Isto não está acontecendo...”, ele pensa consigo. “Não pode estar acontecendo...”

Lágrimas. Ele sente seus olhos banharem-se em lágrimas.

Sim... As lágrimas agora escorriam por seu rosto, confundindo-se com as águas da chuva que o castigava.

– Perdão... – ele diz, erguendo as mãos para o alto.

O estranho toca-lhe o queixo. Aproxima seu rosto do dele... e o cheira... Funga por todos os seus traços como fazem os cães.

E... por Deus... os olhos daquele homem... estavam rasgados... sangravam... como, em nome do senhor, ele conseguia enxergar? O que poderia ter havido com eles?

“Isto não está acontecendo...”, ele pensa consigo mais uma vez...

– Onde está ela? – pergunta o estranho, ainda fungando sobre seu rosto.

O jovem chacoalha a cabeça.

– Ela? – diz sem entender. – Ela q...

O estranho alisa-lhe o rosto.

– Morte. – responde-lhe, fitando os olhos de maneira assustadora.

O rapaz engole em seco.

Seu coração dispara e a respiração torna-se intensa e descontrolada.

“Morte...”, o jovem pensa consigo. “A Morte está agora em meus ouvidos, sussurrando... perguntando a mim sobre ela mesma...”

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

O estranho roça o nariz no rosto do jovem.

– Sinto o cheiro dela... em ti...

O nariz gélido e o hálito quente tocam sua orelha.

– Ela esteve...

De novo...

– ...onde tu...

De novo...

– ...estavas.

E de novo.

O jovem leva a mão ao peito. Tentava tocar seu crucifixo. Precisava tocar seu crucifixo.

– Não adianta pedir por “Ele”... – diz o homem ao seu ouvido – não esta noite...

A corrente é arrancada violentamente de seu pescoço. Sua salvação estava agora nas mãos daquele que parecia deter o poder de lhe tirar tudo... Sua paz... sua coragem... sua fé...

E a chuva... Ah, a chuva... a chuva castigava sem trégua, entre relâmpagos e trovões. A cada brilho produzido pela tempestade, o rosto mutilado daquele homem tornava-se mais e mais assustador. E o frio... o frio torturava. A água gelava as vestes, faziam-nas pesar.

– Tens fé? – pergunta o estranho, fitando o crucifixo entre seus dedos.

Tudo o que o rapaz consegue fazer é acenar positivamente. Seu raciocínio parecia estar limitado a quatro palavras apenas... “Isto não está acontecendo...” Era só o que lhe vinha à mente.

– Por que achas que tocar este amuleto pode trazer-te conforto? – insiste o estranho. –

Não te basta a fé, jovem sacerdote? Desconheces a força da Palavra àquele que, nela, acredita? Esqueces que teu deus proíbe os ídolos?

O rapaz fecha os olhos.

– Minha escolha... minha escolha é a prova de minha fé. O que sou é do Senhor, meu Deus, que olha por mim, por ti... que a todos...

– Shh... – interrompeu o homem. – Cala-te, tolo, ou “Ele” pode ouvir tua blasfêmia... – disse, apontando para os céus. – Vou te ensinar sobre teu deus... – concluiu, desafiando o rapaz.

O homem estende o crucifixo à altura de seus olhos mortos. Cerra os punhos, apertando a imagem entre seus dedos. Fecha os olhos...

– “Não farás para ti imagem de escultura nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu e do que há embaixo na terra! Não as adorarás nem lhes darás culto. Porque **eu** sou o Senhor teu Deus, o Deus forte! E zeloso!”

Então, ele abre a mão. Não há mais nada lá. O crucifixo sumira. Sua mão sangrava.

– O que fizeste?! – diz o jovem sacerdote, chorando. – O que... por Deus, homem, quem és?!

O estranho não responde. Baixa o rosto por um instante, pensativo, para, no momento seguinte, encarar novamente o rapaz.

– Ajoelha-te...

“Isto não está acontecendo...”

– Por favor... tenha piedade...

O estranho toma a espada do jovem entre as mãos...

– Ajoelha-te!! – grita, sem demonstrar qualquer traço de humanidade.

“Isto não está acontecendo...”

O jovem coloca-se de joelhos... sabe o que está por vir.

O homem ergue a espada e...

– Por fav...

Não houve tempo.

A lâmina desceu implacável, certa como uma guilhotina, e um doce perfume encheu de alegria aquela tempestade.

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

Tocando a relva com passos simples e iluminados, a Senhora das Almas é recebida com um abraço do Tempo que, ludibriado por aquela presença de infinito em seu espaço de existência, faz tudo à sua volta distorcer-se por um breve e tênue momento de absoluta paz...

– Não! Este não é o caminho, Azael... – a dama disse, severa, ao estranho – não é o caminho...

Honrado com sua presença, o Tempo lhe reverencia, emprestando a Ela um instante de passado...

“Morte...”, lhe diz o Tempo, “...renasço a cada passo teu...”

A lâmina jamais atingiu o rapaz.

3

O rapaz abre os olhos... escuta o barulho da noite... sente a relva sob seus dedos... e a chuva em suas costas... em sua nuca... em seus cabelos. Lentamente leva a mão à garganta. Tinha certeza... podia jurar que chegou a sentir... chegou a doer...

Ele fecha os olhos, senta-se sobre as pernas e volta seu rosto para o firmamento. Quer sentir a chuva em seus lábios, quer senti-la perder-se em suas tímidas lágrimas... Nunca o estrondo ensurdecador de uma trovoadas foi tão reconfortante. Nunca a natureza, em toda a sua fúria, lhe pareceu tão bela... tão viva... como ele.

Ele leva as mãos ao rosto. Curva-se sobre si mesmo e se deixa chorar. Chora como nunca antes havia chorado. E algo como um abraço o envolve. Aquela voz... Aquela doce voz lhe chegava aos ouvidos como um abraço cheio de ternura... trazia consigo conforto, trazia consigo certeza... “Estás aqui...”, ela dizia, “...estás aqui...”

O jovem tenta recompor-se. Esfrega os olhos.

– Estás mais calmo agora?

Contudo, aquela voz era real... não lhe falava em pensamento, mas atrás dele, às suas costas. Por um breve momento seu estômago parece congelar. Medo. Um medo terrível invade seu corpo, atravessa toda sua existência numa velocidade incrível, contaminando não apenas seu pensamento, sua consciência, sua alma, mas também suas células, seus músculos, todo o seu corpo.

O rapaz suspira, engole em seco. Volta-se, então, na direção de onde aquela voz lhe chegou... E, curiosamente, seu medo é recebido com um sorriso. Sim... a dama sorria para ele... sorria conforto, sorria certeza...

– Temes o passado, Lucka... – ela diz.

“Lucka...”, ele pensa... não lhe dissera o nome...

O jovem acenava com a cabeça, agradecido, quando sua espada é subitamente atirada ao chão, na sua frente.

– Não o invejes, Guardiã... – diz a dama.

O estranho se ajoelha diante dela e desvia seu rosto mutilado do olhar desaprovador daquela dama. Não ousa encará-la.

– Eu imploro-te, Senhora... – diz cabisbaixo. – Leva-me contigo.

– O que tentavas fazer, Guardiã? Por que havia sangue em tuas intenções?

– Buscava chamá-la...

– Desta forma? Bem sabes que por esta jovem estou aqui... para levá-la comigo.

– Leva-me, Senhora... eu suplico.

– Não posso. Sabes disso. Demônios não podem viver ou morrer... apenas existir.

Ele toma as mãos dela entre as suas...

– Não há mais nada... neste corpo.

E as leva até seu peito.

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

– Somente tempo...

A dama esboça um sorriso entristecido... Ajoelha-se à sua frente e lhe acaricia o rosto...

– Ah, Guardião... o que foi feito de ti? Como aliviar teu pranto?

– Eu te suplico, Senhora... suplico.

Morte suspira profundamente. Eleva o olhar ao firmamento para então voltar a fitar a tristeza do demônio.

– O que tua busca trouxe além da tua destruição e da destruição dos teus? Dá-me apenas uma razão para me fazer acreditar realmente no quanto desejas ir comigo.

O guardião chacoalha a cabeça, desolado.

– Olha para ela, Senhora... – ele diz. Sua voz era tristeza, desespero. Havia pranto em cada palavra. Um pranto amargo e ressentido... um pranto saudoso e apavorado. – Olha para mim... – ele pede. – O que sou já não habita este corpo... o que desejei ser jaz sem vida com ela. Só me resta o tempo... Livra-me dele, Senhora, eu te peço... livra-me dele.

Morte volta-se para o rapaz e, delicadamente, toca-lhe o queixo, forçando-o a olhá-la dentro dos olhos.

– Vai em paz, Lucka, e completa tua missão. Mas jura guardar segredo sobre esta noite ou eu mesma irei atrás de tua língua irresponsável.

O rapaz acena com a cabeça e curva-se em direção à sua espada, tentando alcançá-la.

– Não... – lhe diz, gentil, a voz da Senhora. – Deixa! Não há de precisar dela. Será longa tua estada nesta terra... tens minha palavra.

Ele não ousa argumentar. “*Lucka*”, ele pensa... Não lhe dissera o nome.

Simplesmente levanta-se e caminha em direção a seu cavalo.

A certa altura, olha para trás e vê que a estranha e bela dama o encarava.

“*Morte...*” – pensa consigo. – “*Morte?*”

Ele acena para ela e lhe dá as costas, continuando sua caminhada. Seu cavalo está calmo e quieto sob a tempestade...

“*Um demônio... Azael... um... demônio?*”

O cavalo relincha e chacoalha a cabeça de um lado para o outro. O rapaz suspira e olha ao seu redor; para a noite, para o bosque.

“*Não há mais nada neste corpo... somente tempo.*”

Ele monta o animal. Olha uma última vez para trás.

“*Morte... Azael...*”

Cabisbaixo, ele conduz o animal na direção contrária de ambos. Adianta-se cerca de dois minutos...

“*Demônios não podem viver ou morrer... apenas existir.*”

E desmonta...

“*Temes o passado...*”

Amarra o cavalo em uma árvore e começa a caminhar de volta.

“*...Lucka...*”

A escuridão da madrugada e o barulho da tempestade ajudavam-no a proteger-se.

“*Estás aqui...*”

Ele pisava cuidadosamente, procurava abrigo...

“*Estás aqui...*”

Um relâmpago ilumina todo o bosque... e outro estrondo ensurdece a noite.

“*Jura guardar o segredo...*”

Ele se mantém em silêncio. Não quer ser notado.

“*Será longa tua estada nesta terra...*”

Onde estava, era seguro...

“*Jura... Lucka... jura...*”

Dali, escutaria.

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

4

Enquanto acariciava o rosto de Azael, Morte suspirou o ar da noite. Olhou à sua volta e sorriu... Um sorriso breve, que a deixou no momento seguinte.

– Teu sofrimento, guardião, transcende teu corpo. – ela disse. – Sinto-o em mim, como se em meu peito houvesse encontrado origem... Não queres deixá-la ir se, a ela, não puderes acompanhar.

Azael ajoelhou-se ao lado daquele corpo e afagou os cabelos da morta como se esta ainda o pudesse sentir afagá-la.

– O que é a liberdade, Morte? Ensina-me, Senhora... ajuda-me a compreender o sentido. Porque, ao tentar descobri-la, vislumbrar-lhe as cores e o teor de seu significado, tornei-me um prisioneiro da culpa e da expiação. Sou mais escravo agora do que jamais fui em toda a minha existência. Não ensinou, o escolhido, “A verdade vos libertará”? Mas a que preço, Senhora, a que preço? Quantas vidas há de sacrificar para que se possa realmente ser livre? Qual o sentido em buscar a liberdade? Qual o sentido em buscar esta verdade que liberta, se os sacrifícios que dela resultam subjugam e tiranizam a existência? Vê no que resultou minha liberdade, Morte! Vê o que fiz, Senhora, ao buscar preencher de vida o vazio de minha alma. Ao acreditar que havia mais para saber... Vê! Como poderei, eu, jamais me redimir, Senhora, como?

Morte ajoelha-se ao lado dele, tocando-lhe o rosto com ternura e carinho...

– Conta-me, Guardião... – diz-lhe docemente – conta-me, e a resposta nos há de chegar.

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

*AOS GUARDIÕES DO
MITO É PROIBIDO
PROCURAR A ALMA
HUMANA, POIS NELA
ESTÃO OS
PRINCÍPIOS
DA CRIAÇÃO.*

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

Miriam

“Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem. Porque eis que passou o inverno, cessou a chuva e se foi; aparecem as flores na terra, chegou o tempo de cantarem as aves... Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem... Mostra-me o teu rosto; faz-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é doce e o teu rosto, amável.”
Cantos de Salomão

1

Não. Não era uma noite como essa. Era uma noite quente, de verão. 7 de junho de 1494. A noite em que os reinos de Portugal, Castela e Aragão celebravam a assinatura daquele tratado de posse sobre as novas colônias.

Era então a primeira vez que visitávamos Tordesilhas. Lucien decidira ir por insistência de seu amigo, Filipe Basque, Conselheiro de Fernando e Isabel, pois este lhe havia prometido bons negócios ou, pelo menos, uma semana longe do tédio de sua vida em Ávila. Sim, Lucien não levava uma vida muito agitada. Era reservado demais para tanto. Com toda a sua riqueza, preferia esconder-se em sua velha mansão, vivendo em quase completa e absoluta reclusão. Não tínhamos sequer criados, somente Chantal, sua fiel serva.

Era, contudo, Lucien, um homem notável. Nasceu na antiga Moldávia, um pequeno principado no leste. Seu pai fora um grande comerciante e artesão como nenhum outro; joalheiro na verdade. Sua paixão por jóias o fez rico e conhecido em toda aquela região. Lucien herdou-lhe o dom e, como o pai, soube fazer riqueza. Casou-se ainda jovem com a bela Jaqueline. Foram muito felizes. Mas o destino... Bem, o destino a levou cedo demais. Com sua morte, Lucien decidiu deixar a Moldávia e fechou-se, desde então, em seu mundo. Jamais se perdoou não conseguir salvá-la.

Conheceu Filipe na França, no ano de 1472, durante o processo de formação da coalizão entre Castela, Aragão, Inglaterra e Carlos, o Temerário, que tinha por objetivo derrubar o então rei da França, Luís XI. Acabaram se tornando grandes amigos e, tenho certeza, toda a vitalidade de Filipe acabou por ajudar Lucien a encontrar novamente alguma alegria em sua vida. Após conhecê-lo, Lucien realizou muitas viagens, fez outros amigos e passou a freqüentar as festas da corte – ainda que tudo isso não fosse exatamente de sua verdadeira natureza. Tinha profundo carinho e respeito pelo amigo e confidente, e Filipe parecia lhe corresponder a amizade com a mesma dedicação.

Bem, eu dizia que estávamos presentes à recepção oferecida pelos reinos por ocasião da assinatura daquele tratado. Era uma festa suntuosa, realizada na belíssima propriedade do Duque Rafael La Tolle, também Conselheiro da corte de Fernando. Lucien e eu chegamos ao castelo acompanhados por Filipe, e fomos muito bem-recebidos pelo Duque. Na festa estavam presentes todos aqueles que foram os responsáveis pelo sucesso do acordo firmado entre as coroas.

– É um acontecimento e tanto.

Lucien, que naquele momento divagava, perdido entre os convidados, olhou para trás procurando saber quem era o dono daquela mão que repousara sobre seu ombro.

– Graco!

Lucien abriu um farto e caloroso sorriso para receber o amigo que há muito não via.

– Que boa surpresa encontrar-te aqui, Lucien! Vejo que continuas um homem de visão!

– O Novo Mundo, Graco! Quem não se interessa por ele? Este lugar já é velho demais, pequeno demais!

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

– Sábias palavras, Lucien! Com este assunto das posses resolvido com Portugal, tenho certeza de que agora Fernando poderá dedicar-se mais à França em relação à questão de Nápoles. Ele ainda não está contente somente com a Sicília e Sardenha.

– Fernando nunca está contente... – brincou Lucien. – De qualquer maneira, com “boa diplomacia” e os exércitos sob o comando de Gonzalo de Córdoba, dentro em breve esta questão terá sido resolvida.

Lucien finalmente começava a entreter-se com a conversa de Graco, quando uma jovem, desacompanhada, passou a sua frente. Percebi como Lucien encantou-se com ela pela maneira com a qual conversava com Graco mas, ao mesmo tempo, seguia-a com os olhos. Ela atravessou o salão de uma ponta a outra e em momento algum Lucien deixou de olhá-la. Tinha os cabelos negros e longos, a pele rosada, jovem. A sobrancelha bem desenhada enfeitava seus olhos grandes e amendoados, cujos longos cílios davam ainda mais vida ao seu verde forte como a esmeralda bruta. O nariz delicado, ligeiramente arrebitado, contrastava com as linhas fortes de seu rosto. E seus lábios... Seus lábios eram vermelhos e carnudos, cheios de vida. Sua boca parecia implorar para ser tocada. Usava um vestido negro cujo decote vigorizava os seios grandes e empinados que pareciam ter sido moldados à mão. O par de brincos em esmeralda enfeitavam suas pequenas orelhas, os quais ficavam ainda mais belos acompanhados da gargantilha na mesma pedra. Ela caminhava com leveza e elegância sem igual. E, enquanto cruzava o salão, percebi que por um breve, ínfimo instante, seus olhos cruzaram o olhar deslumbrado de Lucien. O tempo pareceu parar. Lucien já não prestava qualquer atenção às palavras do amigo que, entusiasmado, discursava naquele momento a respeito das magníficas descobertas de Colombo...

– Lucien... Lucien!! – esbravejou Graco.

Lucien o encarou com profundo espanto, como que se, de súbito, houvesse sido trazido de volta à realidade...

– Desculpa-me... – disse encabulado. – Por um momento acho que te perdi. – completou, sorrindo.

– Ora! Não digas! Onde esteves, meu jovem amigo? Por onde andava tua mente nestes últimos minutos? – perguntou-lhe Graco.

– Esquece. Perdoa-me, Graco, os maus modos. Sobre o que mesmo falavas?

Graco sorriu e voltou a discursar sobre Colombo, o Novo Mundo, o Tratado. Lucien, por sua vez, parecia agora completamente desinteressado por aquela prosa. Percebi, por seu olhar distante, que a jovem o havia, de alguma forma, enfeitiçado. Mas a verdade era que Lucien era tímido demais, reservado demais para abrir-se com o amigo e dividir seu interesse pela estranha. Decidiu guardar para si seus pensamentos e, quando Graco finalmente lhe deu uma chance, Lucien deixou o salão e caminhou em minha direção, na sacada.

Estávamos então ali sozinhos a admirar o céu de Tordesilhas, quando um perfume diferente nos chamou a atenção. Lucien virou-se de costas para a sacada e recostou-se. Seu rosto empalideceu, sua boca secou...

– Com licença... – disse gentilmente a jovem.

Era ela...

Lucien só fez acenar com a cabeça. Era patético vê-lo indefeso daquela maneira frente a nada mais do que uma fêmea. A jovem sorriu e estendeu-lhe a mão.

– Sou Miriam...

Lucien retribuiu-lhe o sorriso e beijou-lhe entre os dedos.

Não disse nada, o inapto... Pareceu ter perdido a voz... Patético.

A jovem adiantou-se, curvando seu corpo em minha direção...

– Desculpa-me por abordar-te desta forma, mas não pude deixar de notar teu animal... – ela disse. – É belíssimo. Como se chama?

O Primeiro Relato da Queda de um Demônio

– Lucien... – ele disse, estendendo-lhe a mão.
– Eu me referia ao lobo... – ela respondeu, esboçando um discreto sorriso com o canto do lábio.

Lucien corou.

– Azael... – respondeu-lhe cabisbaixo.

– Que belo nome! Ouvi dizer que são raros os lobos desta raça, albinos... É realmente belíssimo!

Ela, então, notou o medalhão em meu pescoço.

– E que jóia lindíssima carrega!

Sem qualquer cerimônia, a jovem agachou-se à minha frente para me tocar o medalhão.

Senti uma grande repulsa com sua iniciativa, e minha reação, instintivamente, foi mostrar-lhe os dentes... O medalhão onde carregava meu nome não deve ser tocado!

Creio tê-la assustado, pois, antes que pudesse tocar-me, recolheu sua mão rapidamente e levantou-se, encarando Lucien com profundo espanto e pavor...

– Não tenhas medo... – ele disse. – Azael não te faria qualquer mal. É que há algo sobre esta jóia que lhe parece especial. Nem mesmo eu posso tocá-la.

Ele agachou-se e tomou minha cara entre as mãos, afagando minhas orelhas.

– Não seas mal-educado, meu lobo. A jovem está sendo agradável contigo. Não me envergonhes...

Ele voltou os olhos novamente para ela e estendeu-lhe a mão, convidando-a a tentar de novo. Ela sequer hesitou e, abrindo um largo sorriso, agachou-se ao lado dele e, mais uma vez, tentou me acariciar... Deixei que suas mãos passassem por meus pêlos, desde que se mantivessem longe de meu medalhão. Ela parece ter entendido. Seus olhos fitavam os meus com estranho fascínio. Parecia não haver qualquer sombra de medo na maneira com a qual me olhava, como me tocava. De alguma forma, ela parecia ter certeza de que eu seria incapaz de feri-la... Estava errada, por certo. Não fosse pela presença de Lucien, eu já lhe teria arrancado os dedos das duas mãos.

– Desculpa-me se o molestei, Lucien... – ela disse gentilmente. – Não tive a intenção de interromper-te... Parecias tão distante quando cheguei, que...

– Ora, por favor, não digas isso! – ele interrompeu com uma ponta de entusiasmo. –

Confesso que facilitei um bocado para mim vires até aqui. Ainda agora me perguntava sobre como poderia vir a conhecer-te...

A jovem sorriu.

– Seu acento... não és daqui. – ela disse. – De onde vens?

– Moldávia. Moro em Ávila há algum tempo.

– Ávila...

– Sim. Conheces?

Ela assentiu.

– Estive lá algumas vezes. No palácio de veraneio de Vossa Majestade...

– O monastério?

– Sim. É um lugar belíssimo.

E foi assim que as longas horas de conversa começaram... Pareciam conhecer-se há muito tempo, falavam como velhos amigos. Confesso que eu os observava com curiosidade. Jamais havia testemunhado tamanha afinidade, principalmente pela natureza introspectiva de Lucien. Durante toda a noite eu os vi falar, rir, dançar... Por aquelas horas o mundo cessou de existir para os dois. Tudo era nada mais do que um grande espaço vazio, concebido apenas para que aquele encontro pudesse ter lugar... Miriam e Lucien... Ali, naquele salão, eu soube... o silêncio de longos anos fora quebrado.